

MONTALEGRE

MÃE E FILHA “UNIDAS” PELA “ARTE DA TERRA”

Sediado em Paradelado do Rio, o projeto inclui galeria e oficina de cerâmica

MARIANA RIBEIRO

Em Paradelado do Rio, o percurso artístico de Maria Carvalho e Carolina Garfo confunde-se com a própria vida familiar, com a rotina diária, onde a envolvente e a própria natureza têm livre trânsito para se intrometer no processo criativo. São, inclusive, da casa, onde a terra é rainha e o barro “entranha”.

Ali, mãe e filha abrem as portas do próprio lar, que também é local de trabalho e galeria aberta



A ARTE COM LIGAÇÃO À TERRA

FOTO: MR

a quem a queira contemplar. Esta, evoca a memória, o inconformismo e a frontalidade de José Teixeira, através de uma exposição que inclui algumas das peças que, de forma peculiar, refletem a visão irónica e sensível que tinha sobre o mundo.

Ao mesmo tempo, é possível admirar as várias coleções da autoria de Maria Carvalho que, há cerca de 30 anos, juntamente com o seu companheiro José Teixeira, fundou a “Arte da Terra”, projeto através do qual abre o coração e procura “embelezar a vida”.

A ceramista cria, por isso, peças mais centradas na família e no amor, através do recurso a materiais diversificados e outro tipo de matérias invulgares, como, por exemplo, bosta de vaca, além de pasta de barro reciclado, ferro velho, pedra, tojo e terra.

“Estar a viver e a trabalhar no mesmo espaço dá-nos muita liberdade. Há dias em que mal saímos da oficina, mas depende dos propósitos. Neste momento, estamos a preparar a FIA (Feira Internacional do Artesanato)”, que decorrerá em Lisboa. “Portanto, é conveniente que haja alguma insistência e disciplina, mas somos donas do nosso tempo e do nosso ritmo de trabalho”, frisou Maria Carvalho.

A sua filha, Carolina Garfo, licenciada em Escultura, segue-lhe os passos. É ceramista “pelo menos desde os cinco anos. Como os meus pais trabalhavam em barro, também comecei a trabalhar-lo porque gostava. Teve a ver como a minha atitude. Sempre que eles tinham feiras, fazia umas peças e levava-as para vender”.

As ceramistas dividem os dias entre o trabalho de criação artística, a organização de eventos culturais, horticultura e o cultivo de amizades que fazem com que a aldeia tenha vindo a ganhar mais vida nos últimos anos e seja, inclusive, morada de outros artistas.

Em janeiro de 2020, enquanto coletivo, fundaram a “Acendalha”, “uma associação cultural aberta e em constante transformação” que “nasceu de uma vontade de criar projetos artísticos e eventos culturais”.

Esta pretende “reacender o desenvolvimento sustentável do interior, ligando-o a uma vasta rede de públicos, trazendo criadores e ativando parcerias com associações e instituições”, “construindo e investindo na comunidade”.